

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOS SINOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

SUELLEN DE ALMEIDA LIMA

**AFETIVIDADE E CLIMA INSTITUCIONAL:
Aliados na formação integral dos estudantes**

**JUIZ DE FORA
2018**

SUELLEN DE ALMEIDA LIMA

**AFETIVIDADE E CLIMA INSTITUCIONAL:
Aliados na formação integral dos estudantes**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Ms. Cleber Portal

Juiz de Fora

2018

**AFETIVIDADE E CLIMA INSTITUCIONAL:
Aliados na formação integral dos estudantes**

Suellen de Almeida Lima¹

Resumo

Este artigo tem como princípio norteador analisar a relação da afetividade na aprendizagem integral. Vivemos em uma sociedade que desvaloriza as emoções e as inteligências não-cognitivas, onde exalta-se e valoriza-se a razão, deixando de lado a importância dos sentimentos no processo ensino-aprendizagem; processo este que é uma troca constante, onde educador e educando ensinam e aprendem simultaneamente e a todo o tempo. É vital compreendermos a importância de um ambiente propício ao exercício da afetividade na vida dos nossos alunos, pois, infelizmente, estamos preocupados em ensinar e esquecemo-nos de semear nos estudantes o desejo de aprender. Precisamos resgatar valores tão esquecidos nos dias atuais e tão úteis à formação integral desses indivíduos. E como estimular esses sentimentos senão criando um clima institucional acolhedor, que promova um sentimento de pertença aos estudantes? Assim, devemos investir na criação de um ambiente favorável à inclusão e ao desenvolvimento do indivíduo, primando pelas relações conquistadas neste espaço, para que dessa forma, possamos garantir que os nossos estudantes se sintam integrados e protagonistas da escola.

Palavras-chave: Educação afetiva. Clima institucional. Modo de proceder. Relações humanas.

¹ Pedagoga graduada pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF, com Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Estácio de Sá. Cursando Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade pela Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Introdução

Este artigo, baseado em pesquisa bibliográfica e exploratória, busca embasamento nas obras de Eugênio Cunha, Cláudio Saltini, Humberto Maturana, entre outros estudiosos, que acreditam na afetividade e nas emoções como elementos fundamentais e imprescindíveis à aprendizagem, influenciando o desenvolvimento cognitivo.

Apesar de ser um tema bastante explorado no meio acadêmico, ainda vemos escolas e profissionais insistindo em um trabalho tradicionalista, que não considera as emoções e sentimentos e que não oferecem aos estudantes o papel de protagonismo, por isso, é importante a reflexão sobre as práticas pedagógicas nos dias atuais e suas implicações na formação dos sujeitos.

Sabemos que o ser humano é repleto de expectativas, emoções, desejos e diversos outros sentimentos que movem suas ações durante a vida, e, Cunha (2012) destaca que é função da escola valorizar o desejo dos estudantes e dar qualidade a ele. Assim, não podemos e nem devemos dissociar o afeto e as emoções da nossa vida psíquica, e estes devem ser trabalhados em sua totalidade. Nesse sentido, é importante relacionar o clima escolar, como um ambiente acolhedor e humanizado que propicia a formação integral do indivíduo.

Como o aspecto afetivo e cognitivo estão totalmente interligados, devemos fazer da escola um ambiente que estimule parcerias, cooperação, empatia e outros tantos valores escassos em nossa sociedade, propondo uma educação moral e fazendo com que as crianças e adolescentes sejam capazes de conhecer seus sentimentos e desejos, pois estes provocam os sentidos pela realização pessoal. A realidade na qual estamos inseridos tem exigido, cada vez mais, que a escola desempenhe um trabalho que vá além do ensinar e o professor não pode mais atuar como o mero transmissor de conhecimento, desconsiderando o aluno em sua totalidade e cuidando apenas do seu intelecto. Devemos sensibilizar as crianças e os jovens diante do consumismo, da materialidade, da satisfação pessoal, ou seja, de um modo de vida perdulário, não sustentável e que não se importa com o próximo. E isso é estabelecido pelo Projeto Político Pedagógico do Colégio dos Jesuítas ao afirmar que “o contexto socioambiental em que estamos inseridos nos apresenta apelos aos quais não podemos estar indiferentes e insensíveis”. (PPP, 2018, p. 3).

Saltini (2008) ressalta o quanto é necessário, estabelecermos um vínculo afetivo com nossos alunos e o quanto precisamos entender o fato de que somos dotados de sentimentos, desejos e necessidades, pois, “não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (MATURANA, 2002, p. 22). Dessa forma, o professor tem a função de promover uma relação repleta de emoções e sentimentos, sendo de suma importância conhecer e acolher o seu aluno, saber quem ele é e estar disposto a ajudá-lo na sua formação, valorizando-o e fazendo-o perceber que é um ser importante, em constante desenvolvimento, pois “o bom professor é aquele com quem os alunos aprendem e o bom educador é aquele com quem os alunos vão tornando-se mais pessoas e mais eles mesmos. Estes são os alunos que, no fundo, gostam de seus mestres” (ESCOBAR, 1996, p. 130).

Nessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa com uma amostra de estudantes do Colégio dos Jesuítas e os dados obtidos foram embasados e comparados com bibliografias relacionadas ao tema, com o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação e Projeto Político Pedagógico da instituição, a fim de analisar se a escola tem sido um ambiente propício à aprendizagem significativa e prazerosa aos seus alunos.

1 – O Clima institucional

As escolas da Rede Jesuíta de Educação primam por um ambiente personalizado, centrado na pessoa do aluno como protagonista do processo escolar, assumindo um compromisso solidário e comunitário na sociedade. Entretanto, a formação integral destes estudantes não seria possível se, dentro da escola, não houvesse um clima favorável a essas aprendizagens. É através do “modo de proceder” que se revela os valores básicos direcionados para a formação da pessoa e para a construção do clima institucional.

De acordo com o artigo 75 do Projeto Educativo Comum (2016, p. 65-6)

o clima institucional de um colégio jesuíta constrói-se a partir do que chamamos de “modo de proceder” da Companhia de Jesus e observa-se cotidianamente na convivência e na interação entre os diversos membros da comunidade, assim como na realização das tarefas e no uso do poder. Implica considerar a comunicação e a relação de todos os atores educativos; a participação nos diversos espaços de ação e decisão; a motivação, o

compromisso e a identificação com as finalidades da escola; os mecanismos de resolução de conflitos; os eventuais episódios de desrespeito *entre* ou *para com* os estudantes. Tem especial relevância o cuidado pessoal de cada um dos membros da comunidade (*cura personalis*), sempre orientado à melhor realização dos objetivos definidos para cada segmento da escola. Trata-se de cuidar da pessoa, porque ela é sempre o centro do processo, e, ao mesmo tempo, garantir o alcance dos resultados nos processos que são nosso compromisso institucional com alunos e famílias.

A *cura personalis* é uma das características do nosso modo de proceder e trata-se de um acompanhamento individualizado que dá subsídios à personalização do ensino, favorecendo a formação do sujeito de maneira integral. Nesse sentido, ela estabelece condições favoráveis ao desenvolvimento emocional e espiritual de todos que compõem a comunidade educativa. A escuta é uma das principais habilidades a se desenvolver para a prática da *cura personalis*, pois se o educador conhece as dificuldades ou os anseios e ansiedades do estudante, ele é capaz de intervir e orientar com mais sabedoria e propriedade, a ponto de ajudar efetivamente o outro.

O PEC ainda indica que é tarefa dos gestores da escola criar um ambiente de qualidade que estimule o “sentimento de pertença” a todos que compõem a comunidade educativa e,

o que constrói um bom clima institucional é a adesão, o sentimento de pertença e a corresponsabilidade dos profissionais em relação à missão da escola. A qualidade do clima institucional está diretamente associada à qualidade da gestão realizada nos diversos espaços da organização escolar. Cabe à Equipe Diretiva garantir unidade ao “modo de proceder” dos gestores, de tal forma que os critérios utilizados e os procedimentos de gestão adotados sejam coerentes e consistentes nos diferentes setores da escola. (PEC, 2016, pp. 66 e 67).

“As normas, os regulamentos, a relação estabelecida entre os membros da comunidade educativa, as decisões e ações transparecem os valores que pregamos. Educamos na justiça, no respeito, na solidariedade, na compaixão” (PPP, 2018, p. 46) e desejamos cada vez mais que os nossos alunos sejam protagonistas na escola e se sintam socialmente integrados e acolhidos pelos funcionários e colegas e não podemos pensar nessas relações se não forem baseadas no afeto.

Como gestor da sua sala, o professor deve promover uma cultura que valoriza a acolhida e as relações sociais baseadas no amor, para que o espaço da sala de aula, seja um espaço harmonioso e repleto desses bons sentimentos, pois, segundo Maturana (2002, p. 22) “as interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência”, além de promover uma convivência respeitosa e de aceitação.

2 – A relação entre educador e educando

O clima que se desenvolve no espaço da sala de aula pode propiciar a aprendizagem e a formação dos indivíduos e, isto ocorre quando o educador passa a ser referência, não apenas como aquele que ensina um conteúdo, mas que auxilia nas relações pessoais e nos diálogos a partir da interação, “no entanto, o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto”, pois “todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes” (CUNHA, 2012, p. 67).

Provocar entusiasmo e desejo de aprender nos nossos alunos, exige mudança na postura tradicionalista de ensinar e, conseqüentemente, no entendimento que eles aprendem de maneiras diferentes e em tempos distintos, logo,

o papel do professor é mais que mediador das aprendizagens, especialmente em tempos de tamanha diversidade de “mediações”. O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. (PEC, 2016, p. 44)

Para ESCOBAR (1996) “temos de, a todo momento, estar comprometidos com os nossos alunos” e esse comprometimento está em sermos afetuosos com eles e com a sua formação, pois é responsabilidade do professor cuidar do seu aluno, é ele quem deve criar oportunidades para que essa relação seja harmoniosa e para uma aprendizagem significativa. “Nesse sentido, é importante promover a aprendizagem de modo que capacite o aluno a perceber o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilite o desenvolvimento dos talentos individuais e coletivos” (PEC, p. 49).

O espaço da sala de aula deve ser um ambiente propício e prazeroso ao desenvolvimento da inteligência interpessoal e de outras aprendizagens, que estimule a socialização, a partilha e experiências, sem o enfileiramento de mesas e cadeiras que não propiciam interação. Cabe ao professor ser o mediador desse espaço que fomenta o prazer em aprender e em interagir, além de “concentrar-se na necessidade da formação de um ambiente que estabeleça a intimidade entre os saberes de cada um que, somados, formam os valores de uma sala de aula” (CUNHA, 2012, p. 87).

O professor deve valorizar as diversas áreas do conhecimento e as inteligências múltiplas, desenvolvendo a autoestima e o protagonismo dos estudantes, com uma didática variada e atividades dinâmicas, que desperte nas crianças e nos

adolescentes mais entrosamento, prazer e desejo em aprender. Quanto mais o professor se aproximar da realidade dos seus alunos e da forma como eles aprendem, mais vínculos afetivos serão criados, proporcionando um fortalecimento no vínculo entre eles que, conseqüentemente, trará resultados acadêmicos positivos.

É indiscutível a importância de todos os educadores da escola, sobretudo dos professores, na vida do estudante e não podemos deixar de reconhecer que a escola, deve valorizar o desenvolvimento emocional, social e não apenas o cognitivo, pois são fundamentais no desenvolvimento do indivíduo de forma integral.

“O que o aluno deseja na escola é pulsar a vida” (CUNHA, 2012, p. 82) e cabe aos educadores estar em consonância com esse desejo, pois somos chamados a criar oportunidades para que todos aprendam de maneira integral para a vida.

3 – Relato de experiência

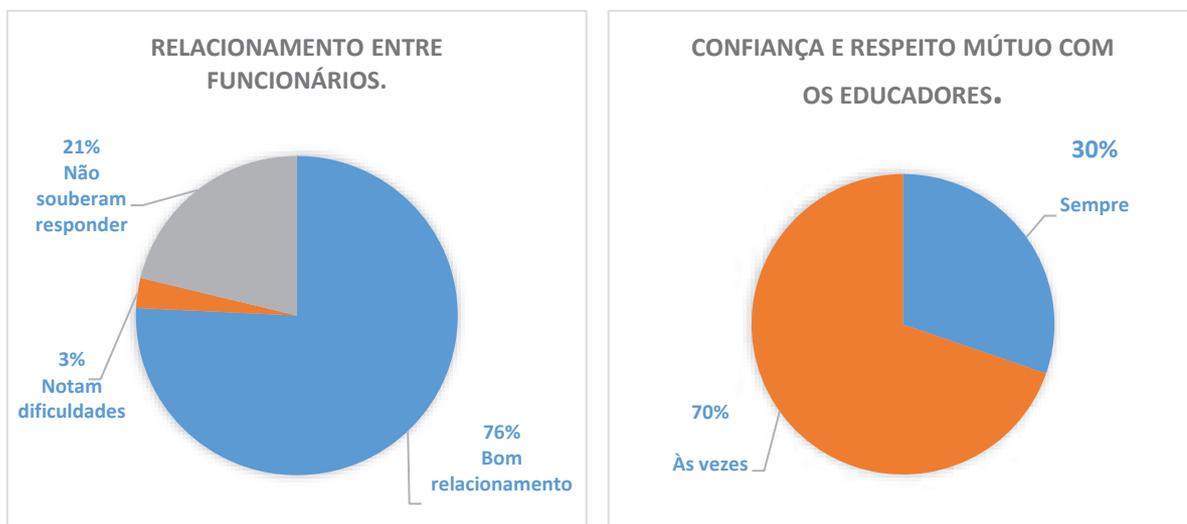
Tendo em vista que o objetivo desse trabalho era analisar a importância de se considerar a dimensão afetiva e emocional na aprendizagem, foi desenvolvido um estudo a partir de algumas bibliografias que afirmam que a afetividade é uma dimensão importante no processo de desenvolvimento do ser humano.

Diante disso, a partir do estudo bibliográfico, realizamos uma pesquisa com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas, totalizando 33 entrevistados que responderam a um questionário composto por 12 questões, que comprovaram ou confrontaram alguns pontos dessas bibliografias.

3.1 – Análise dos dados

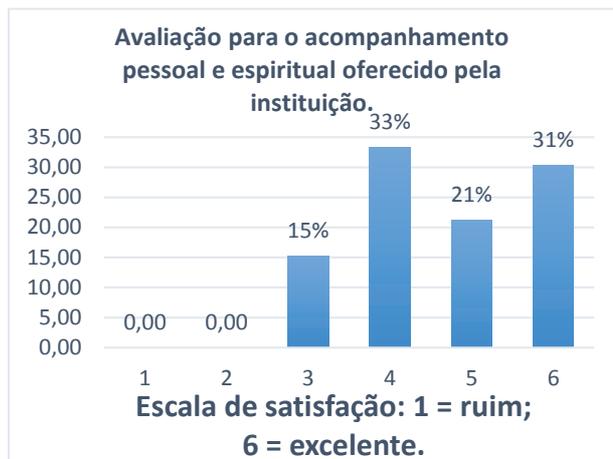
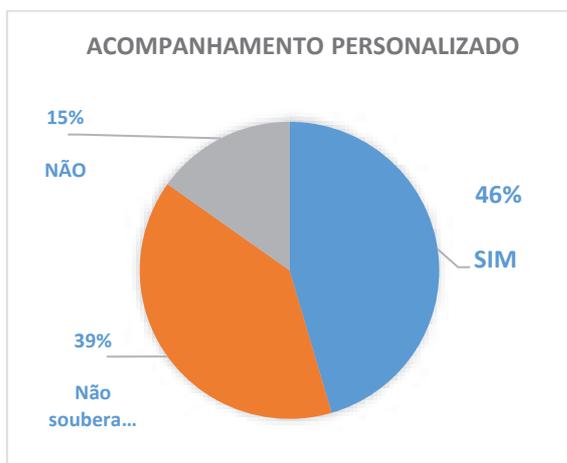
Na tentativa de se comparar o estudo bibliográfico com a realidade vivenciada por uma amostra de alunos, o objetivo da coleta de dados foi representar o ponto de vista de cada entrevistado diante da relação afetiva com seus educadores e sobre o clima escolar experimentado por eles. Dessa forma, esta pesquisa proporcionou um enriquecimento sobre o referido assunto.

Sobre o clima institucional, observa-se que os entrevistados acreditam que existe um bom relacionamento entre os funcionários da escola, mas somente algumas vezes, sentem confiança e respeito mútuo com os educadores da instituição.



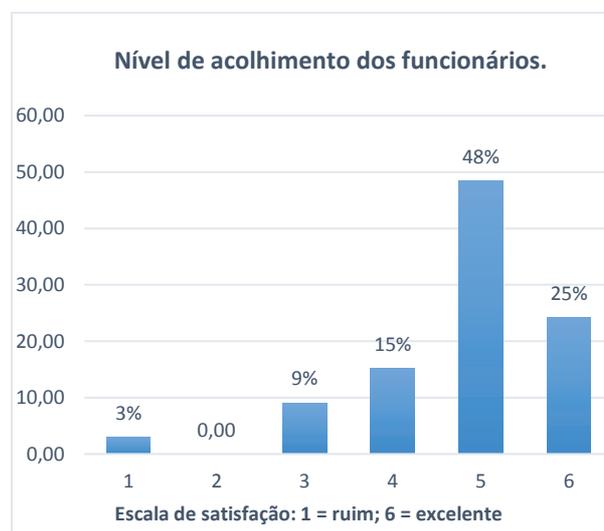
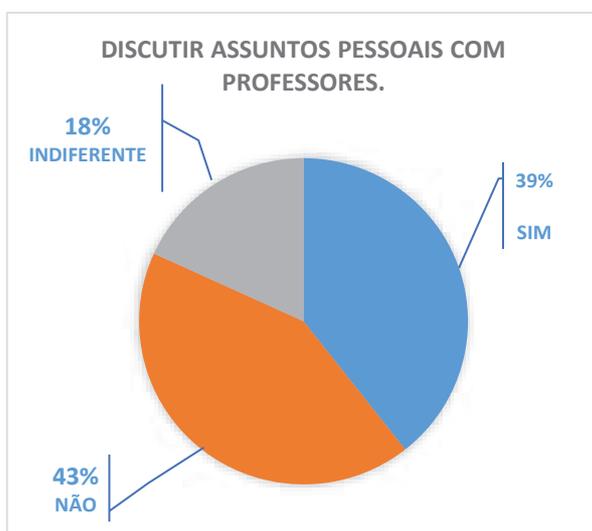
Gráficos 1 e 2: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Suellen Lima.

Quando questionados sobre o modo de proceder da instituição (acompanhamento personalizado e *cura personalis*) as opiniões foram divergentes. Um número expressivo de alunos (13) não soube dizer se no Colégio dos Jesuítas tem um ambiente personalizado, que cria condições favoráveis para o aprendizado. Isso demonstra que muitos alunos dessa amostra, não consegue identificar o modo de proceder da instituição. Quando questionados sobre o acompanhamento espiritual que a escola oferece, a classificação através de uma escala, demonstrou uma satisfação com o que é oferecido pela escola.



Gráficos 3 e 4: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Suellen Lima.

Considerando que a escola é um lugar de vivências e relações interpessoais, surge como um alerta um dado que aponta que quase a metade dos alunos entrevistados, dizem que não se sentem à vontade para conversar com seus professores assuntos pessoais (ou extraclasse), mas, em contrapartida, de forma geral, os alunos se sentem acolhidos pelos funcionários da escola.



Gráficos 5 e 6: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Suellen Lima.

Nota-se também que o nível de satisfação dos alunos quando precisam do auxílio da coordenação e/ou direção do colégio é muito bom. Alguns relataram que essa relação é muito satisfatória, pois a coordenadora os acompanha há algum tempo, e isso proporcionou um estreitamento afetivo entre eles.

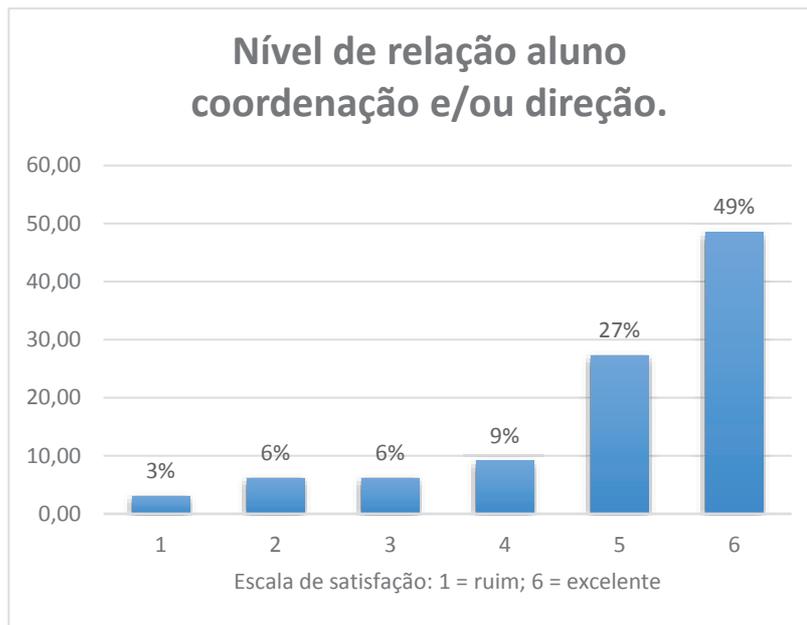
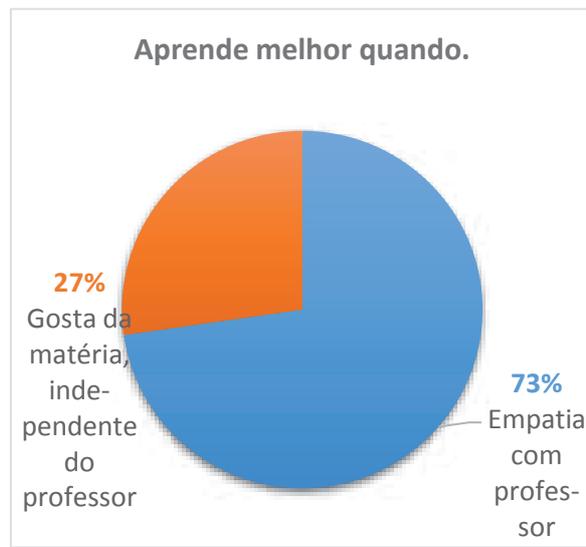
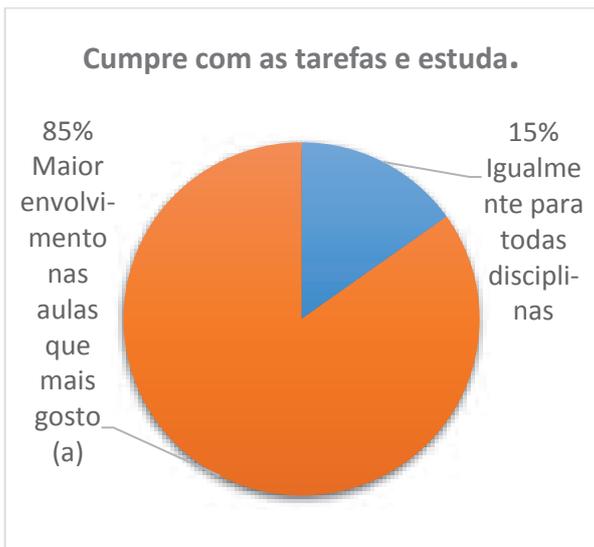


Gráfico 7: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas.
Fonte: Suellen Lima.

Um dado muito importante a ser observado nessa pesquisa, foi o número de alunos que afirmaram cumprir as tarefas e estudar mais, quando tem maior envolvimento nas aulas e, a maioria, afirma também que aprende melhor quando tem empatia com o professor. Esses números evidenciam que para essa amostra de alunos, a afetividade é importante no processo de aquisição de conhecimento, tendo como base o carinho e o diálogo, além de confirmar que os alunos desejam um envolvimento com o professor, que vá além da transmissão de conteúdos, desenvolvendo e fortalecendo as relações interpessoais, tão necessárias nos dias de hoje.



Gráficos 8 e 9: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Suellen Lima.

Outro dado interessante e relevante nessa pesquisa foi a opinião dos entrevistados sobre um bom professor, onde as opiniões foram bem divididas entre: dominar bem o conteúdo, ser carinhoso e ter outras características como: valorizar e respeitar os alunos, dar aulas mais dinâmicas e diferentes, além de tratar o aluno com autoridade e cuidado.

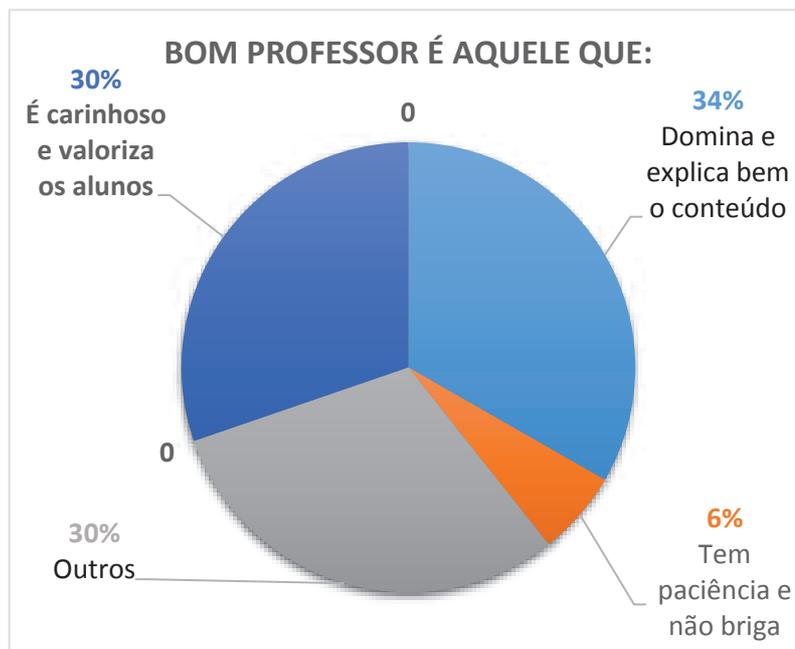


Gráfico 10: Pesquisa feita com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Suellen Lima.

A interpretação desses dados teve como objetivo contribuir com as discussões sobre a valorização do afeto e das emoções dentro da sala de aula e da escola como um todo e, possibilitou na pesquisa com os alunos, avaliar e concluir o quanto ela é importante no processo de aprendizagem e da construção do conhecimento desses estudantes e o quanto eles valorizam a sensibilidade do professor quando ele ouve, dialoga e apoia os seus alunos.

4 – Considerações finais

As considerações finais aqui expostas, foram fundamentadas a partir das observações da coleta de dados (pesquisa) e das reflexões de estudiosos que acreditam que vínculo afetivo estabelecido no ambiente escolar, contribui para a formação integral do sujeito.

Podemos confirmar a importância de se considerar a afetividade no processo de aprendizagem, bem como a influência de se ter um clima institucional que seja favorável ao aprendizado. Contudo, mediante a análise dos dados coletados no questionário, constatou-se que o aspecto emocional, muitas vezes, não tem sido considerado, suficientemente, pelos professores.

Desse modo, é necessário que os professores acreditem que as emoções vão influenciar no processo de aquisição do saber e que uma relação de confiança com os estudantes, pode facilitar esse caminho, deixando-o mais favorável e satisfatório. É preciso então que se promova o espaço da sala de aula a um ambiente mais humano, afetivo e acolhedor, valorizando o diálogo, não resumindo a relação entre professor e aluno em um mero processo cognitivo.

A afetividade quando manifestada na relação educador e educando, favorece a uma aprendizagem efetiva, tornando-se significativa para quem aprende, aprimorando conhecimentos e habilidades, pois quando um professor desenvolve um trabalho para lidar com as dificuldades emocionais dos estudantes e enxergar as singularidades que cada um apresenta, estes mostram-se muito mais envolvidos, pois percebem que estão recebendo apoio e cuidado de alguém.

Por meio dos aspectos fundamentados nas bibliografias exploradas e na pesquisa de campo, podemos concluir então que a afetividade, quando manifestada na relação entre professor e aluno, não é o que garante, isoladamente, o sucesso na

vida acadêmica do estudante, mas é importante para que o aluno possa desenvolver o autoconhecimento, suas emoções, bem como inteligência emocional e interpessoal, resultando em conhecimento e grandes conquistas na vida deste indivíduo.

Referências bibliográficas:

COLÉGIO DOS JESUÍTAS. **Projeto Político Pedagógico**. Juiz de Fora, 2018.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ESCOBAR, Alvaro Vélez, SJ. **Prática da educação personalizada**. São Paulo: Loyola, 1996.

FLACSI. **Cura personalis**: em el aula como possibilidade de descobrir potencialidades. 2015. Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2015/10/Cura-Personalis_Acompa--amiento2.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

FLACSI. **Pedagogia Inaciana**: Personalis Cura. 2015. Disponível em: <<http://www.flacsi.net/noticias/pedagogia-ignaciana-cura-personalis/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.